

dos milagres no romance, e analisa, sumariamente, episódios do fantástico nos cinco romances principais que sobreviveram.

No final do volume, encontra-se uma breve biografia dos autores (pp. 417-421) e um “Index Nominum et Rerum” (pp. 423-430). Sente-se, porém, a ausência de um *index locorum* que facilitaria uma pesquisa avulsa dos vários textos abordados.

Este conjunto de estudos vem estabelecer-se como um instrumento de referência na área da literatura do fantástico e do maravilhoso, apresentando-se como um contributo útil não apenas para académicos, mas também para curiosos do tema.

GABRIEL A. F. SILVA
Centro de Estudos Clássicos
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
gabriels@campus.ul.pt

JUAN FRANCISCO MESA SANZ (ed.), *Latinidad Medieval Hispánica*, Firenze, SISMEL – Edizioni del Galluzzo, 2017. XII + 664 pp. ISBN 978-88-8450-708-2

Quis o acaso que nesta mesma revista me fosse atribuída a tarefa de fazer a recensão das *Actas do Primero Congreso Nacional de Latín Medieval*, realizado em León, em 1993. Pairavam no horizonte as reflexões sobre as perspectivas de futuro, o caminho a percorrer e as áreas a desbravar. Passados vinte anos, aqueles que já então eram figuras proeminentes da filologia latina, como D. Manuel Díaz y Díaz, Cármen Codoñer, Aires Nascimento, Maurílio Pérez González, Eustaquio Sánchez Salor, Eduardo López Pereira, António Linage, Fernando Catón, José Manuel Díaz de Bustamante, para mencionar apenas alguns, foram multiplicados em La Nucía por uma plêiade de discípulos, formados sob a sua orientação e que por sua vez inovaram ou ampliaram as perspectivas dos seus mestres. Enquanto testemunho de um desígnio persistente ao longo de vinte anos, as *Actas do VI Congreso de Latín Hispánico* demonstram à saciedade que a *Latinidade Hispânica* é um manancial inesgotável de que brotam múltiplas correntes sempre vivas e renovadas, sem as quais não se pode fazer a história da cultura no seu mais amplo sentido. Com razão Francisco Mesa recorda que em boa hora Díaz y Díaz tomou como objectivo principal dos estudos a desenvolver a associação indissolúvel entre filologia latina e história da Idade Média. Nessa mesma ordem de ideias, é de toda a justiça salientar que, com a leitura dos trabalhos publicados na obra que aqui se recenseia, fica claro, por um lado, que nunca se compreenderá plenamente a evolução da cultura europeia medieval sem se penetrar nos meandros da Antiguidade Tardia, a que ela dá continuidade, e que, por outro lado, não se pode ignorar que a eficiência dos meios tecnológicos e informáticos, postos ao serviço da filologia durante estes vinte anos, ampliaram em muito a possibilidade de se porem em marcha projectos de grande dimensão, apenas vislumbrados, ainda que vagamente, nas duas últimas décadas do século passado. A par disso, criaram-se novas vias de abordagem sobre questões antigas, levando muitas vezes a uma perspectiva diferente, mas mais fundamentada do que anteriormente. Este volume de estudos resulta de uma planificação abrangente de uma reunião científica, em que, não sendo ignoradas as raízes do passado, se consagrou a força imparável da investigação partilhada e organizada em projectos de grande dimensão. É um sinal de pujança e de fé no futuro que uma parte substancial dos estudos aqui publicados seja o resultado de colaboração e de trabalho em equipa.

O organizador deste volume, Juan Francisco Mesa Sanz, teve estes pressupostos em mente, ao dispor a matéria sob uma dupla perspectiva, a cronológica, por assim dizer, e a temática, ordenando-a nas seguintes secções.

Na primeira secção inclui-se a conferência inaugural, a cargo de uma grande figura da filologia hispânica, Carmen Cardelle de Hartmann. A sua exposição magistral situa-se na Antiguidade Tardia como ponto privilegiado para observar a transição do mundo

antigo, pagão, para a sociedade medieval, mental e espiritualmente ancorada nos princípios morais, em que predominam a prática da virtude e a rejeição do pecado. A visão antagónica entre estes dois mundos é analisada do ponto de vista das opções estilísticas e literárias. É muito estimulante acompanhar a análise, “de Agustín a la Baja Edad Media”, da tensão vivida entre o culto e o prazer da estética da escrita, por um lado, e a profissão religiosa que assenta na renúncia pessoal da vanglória e na prática da humildade.

A segunda secção, assente em critérios cronológicos, como indica uma parte do seu título – “Mundo Visigótico” –, é preenchida por sete artigos, dois dos quais sobre matéria concernente a Julião de Toledo, um sobre um manuscrito da Crónica de Eusébio-Jerónimo, três que têm como figura central Isidoro de Sevilha e um que contribui com novos elementos para a edição crítica da *Passio* de São Julião. No seu conjunto, os trabalhos incluídos nesta secção, da autoria de Paulo Farmhouse Alberto, J. Carracedo Fraga, Rodrigo Furtado, M. Adelaida Andrés Sanz, Giuseppe Botturi, Jacques Elfassi e André Simões, têm em comum o serem estudos de grande relevo sobre a transmissão e a recepção dos textos, um domínio da filologia medieval sempre rico de informações complementares para o seu enquadramento cultural. E o mesmo se diga do estudo das fontes subjacentes a determinada obra, do cotejo das variantes textuais e dos vestígios indirectos presentes em edições e glosas. O estudo das obras de Julião de Toledo e de Isidoro de Sevilha, dos textos do passionário hispânico ou de uma cópia do século XIII de um dos três manuscritos antigos da Crónica de Eusébio, todos eles desaparecidos, prova que esses campos continuam a ser cruciais para a formulação de novas hipóteses a debater e a confirmar. Um juízo global leva-nos a afirmar que estes artigos, além de serem muito bem elaborados, primam pelo rigor filológico e pelo espírito de síntese.

A tradução de textos gregos ou árabes para latim foi um dos factores determinantes para a revitalização da cultura medieval europeia nos domínios da religião, da filosofia, da ciência e da medicina. A actividade dos tradutores em Itália (Nápoles e Palermo) e na Hispânia (Toledo e Sevilha) contribuiu em muito para desenvolver as linhas mestras da reforma carolíngia e a levar à pujança intelectual. E foram também esses novos textos que, em grande parte, relançaram e alimentaram as universidades, pólo principal do renascimento do século XII. São fundamentais, nesta terceira secção, o artigo de J. Martínez Gásquez, “*Necessitas et utilitas* en las traducciones al latín en la Edad Media”, bem como o de Sonia Madrid Medrano, “*El Liber Philosophorum Moralium Antiquorum* en el ms. 2697 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca”.

A quarta secção, que engloba os séculos XII a XV, contém dez artigos com alguma diversidade temática, unidos todavia por uma tónica comum, que se poderia definir como “as manifestações da religião na cultura, na literatura e na vida social”. De facto, uma questão premente que cruzou estes quatro séculos foi o debate intelectual, para não lhe chamar confronto, entre Cristianismo, Islamismo e Judaísmo. Francesco Santi, numa reflexão que envolve autores como Pedro Alfonso, Ramon Martí, Arnau de Vilanova, Ramon Llull e Ramon de Penyafort, traça um quadro em que se pressente uma abordagem epistemologicamente nova do diálogo inter-religioso. Celia López Alcalde confirma esta perspectiva com a leitura que faz da obra de Ramon Llull, em particular do *Liber de adventu Messiae* e do *Llibre del gentil i dels tres savis*. Pouco a pouco ia-se impondo a produção intelectual de personalidades não totalmente alinhadas pelo pensamento vigente. A influência de Ramon Llull projectou-se para lá da sua morte em 1316, como demonstra o artigo de M. Mañas Nuñez no seu artigo, em que analisa os comentários de Cornélio Agripa à *Ars Brevis Luliana*. Esta secção deixa claro que o século XII foi um século de mudanças progressivas, às vezes lentas, mas radicais. Uma “teologia de fronteira”, designação consagrada a que recorre Francesco Santi muito a propósito, centrada na variedade de formas do nome de Deus, o chamado *Centinomium*, foi surgindo como uma marca de ruptura entre a filosofia e a teologia, abrindo espaço ao pensamento racional e laicizante, e à epistemologia científica.

Outro escritor de grande relevo no século XIII foi Juan Gil de Zamora, sobre cuja obra se debruçam o artigo de Estrella Pérez Rodríguez – autora de uma edição crítica

das suas *Meditaciones Poéticas*, de uma parte das quais faz uma análise literária e um comentário de conteúdo exemplares – e o de Miguel Ángel Atanasio. São dois contributos importantes para o conhecimento desse século dominado pelo esplendor intelectual dos Franciscanos, dando não apenas uma visão mais ampla da personalidade de Frei Gil de Zamora, mas contribuindo sobretudo para os estudos da teologia mariana, da parenética latina, da cultura e da prática religiosas deste complexo século XIII.

Ainda dentro desta secção estão incluídos três trabalhos de carácter hagiográfico. Cândida Ferrero Hernández procede à análise minuciosa do códice de Madrid (século XIII), que mostra como uma lenda popular, usada e burilada literariamente, conduziu à canonização de Santo Isidro Lavrador como patrono da capital do império. Ivan Figueiras, que também trata de reescrita, ocupa-se de um texto hagiográfico, neste caso de grande antiguidade e divulgação, a saber, a *Passio Sancti Cucufatis*. A conclusão que decorre deste estudo é que os textos, particularmente os hagiográficos, como entidades vivas que são, vão sendo adaptados às necessidades e aos fins, sejam eles litúrgicos, culturais ou políticos, dos agentes que os utilizam, actualizam e reconfiguram. Por esta e outras razões, o texto hagiográfico não deve ser tratado como mero objecto de análise literária, já que fornece dados e referências de interesse para o conhecimento da arte, dos saberes e das técnicas dos seus utilizadores. J. A. González Marrero bem o demonstra no seu artigo sobre os relatos de viagens marítimas, constantes das *Vitae Sanctorum Hiberniae*.

Finalmente, encerram esta secção, dominada pela temática associada à religião sob vários aspectos, dois artigos. Luis Pomer Monferrer realiza um estudo perspicaz das técnicas de tradução evidenciadas na versão para castelhano, feita pelo Arcipreste de Talavera, do *De virginitate perpetua* de Ildefonso de Toledo. Traduzir é manter-se fiel ao pensamento do autor, sem deixar de conservar, de algum modo, o *ornatus* com que ele enriqueceu o seu texto. A juntar à linha ideológica de Ramon Llull em favor do diálogo com judeus e muçulmanos, devem-se mencionar os sermões catequéticos de Martín García, que se empenha em estabelecer pontos de contacto entre o Alcorão e o Cristianismo na veneração da mãe de Jesus. Manuel Montoza Coca aflora este aspecto no seu artigo em que trata especificamente da recepção de Bernardo de Claraval em Dom Martín García, no que diz respeito à teologia mariana, em foco como vimos em vários autores. Como apreciação global, esta secção tem a riqueza da diversidade e ao mesmo tempo a unidade de um capítulo de um livro monográfico dedicado ao estudo do século XIII.

São, pois, vários os trabalhos sobre as tendências de vanguarda que iam pondo em causa as formas de agir e pensar consagradas pela tradição. Entravam em acção novas formas de encarar a religião, o exercício da liberdade de consciência e a organização da sociedade em novos moldes. É neste contexto que vemos surgir por toda a Europa, tanto no religioso como no secular, reacções por parte da autoridade eclesial e do poder político. Criam-se mecanismos de controlo estrito das formas de pensar e agir dissidentes, instituindo-se assim um regime de intolerância que marcou as nações europeias desde a Idade Média tardia até ao início da Época Contemporânea. São apenas dois os trabalhos que se inserem na quinta secção, centrada na temática da inquisição medieval. Juan Antonio B. Barrio traça-nos, com abundância de pormenores, uma visão de conjunto da argumentação jurídica acumulada nos manuais de inquisidores. A principal conclusão deste trabalho é que esse mecanismo de repressão, que procurava legitimar-se juridicamente, teve tanto de religioso como de político e foi exercido tanto pela Igreja como pelo Estado, de forma uniformizada, em todos os países da Europa cristã, sem excepção. O trabalho de María Alejandro contribui para esta mesma temática com um estudo de um desses manuais de instruções para uso de inquisidores, que tinham por objectivo uniformizar procedimentos e facilitar a sua aplicação em toda a *respublica christiana*. O manual estudado foi o *Repertorium perutile de pravitate haereticorum et apostatarum*, de Miquel Albert (século XV). Um dos méritos deste artigo consiste em ter demonstrado que esse tipo de obras teve larga divulgação no seu tempo e para além dele e funcionou como uma espécie de legitimação da intolerância repressiva, a ponto de ser aceite e justificada pelas gerações vindouras.

Está em grande pujança na actualidade a atenção prestada ao latim enquanto linguagem de ciência. Os textos de carácter científico são de facto uma fonte essencial para o conhecimento da Idade Média, tanto mais interessante quanto são eles o elo mais forte que liga a cultura europeia à cultura da Hélade e ao mundo árabe, a outra face da Hispânia medieval. Os artigos de Enrique Montero Cartelle, Eustaquio Sánchez Salor e Alba A. Felipe, agrupados na sexta secção, são do âmbito da Medicina – as virtudes malélicas e benéficas dos produtos da natureza, os remédios e os venenos, em E. Cartelle e em A. Felipe, e a quiromancia em S. Salor. A quiromancia é objecto de uma exposição matizada, enquanto procedimento científico legitimado pelas teorias médicas, filosóficas e antropológicas da Antiguidade. A esse interesse acresce o da curiosidade de sermos informados da existência de um exemplar dos *Comentarios clarísimos a la Quiromancia de Cocles hechos por Tricasio de Mantua*, título da tradução feita e publicada em 2000 por Sánchez Salor, cujo original em latim, vindo a lume em 1525, foi emparedado e subtraído aos olhares indiscretos dos inquisidores por volta de 1560. Este pormenor levamos a relacionar este texto também com a secção anterior. Mas avancemos para o trabalho de Rosa Gomes, um estudo linguístico da tradução do tratado de astronomia de Al-Batani, feita por Plato Tiburtinus (século XII) da língua árabe para latim. Este estudo é realizado no âmbito do projecto de uma edição crítica desse tratado, o *De scientia stellarum*, que tanta influência teve na astronomia das artes de navegar da época dos descobrimentos.

De epigrafia latina medieval tratam os três artigos reunidos na sétima secção. Menosprezada durante tanto tempo, a epigrafia medieval é quase sempre a fonte mais fidedigna dos factos e da cronologia dos acontecimentos. Uma visão panorâmica da disciplina com reflexões de grande interesse para a sua valorização científica e actualização normativa, sobretudo quanto à recolha e edição dos dados, merece ser lida no artigo de Javier del Hoyo. Josep M. Escolà é pioneiro numa pesquisa alargada de 70 epitáfios, a maioria dos séculos XI a XIII. São inscrições em prosa e em verso, que glosam os tópicos da *probitas* do defunto, do *contemptus mundi*, da universalidade da morte e da dualidade do ser humano formado de um corpo que jaz morto na tumba, enquanto o espírito *astra petit*. Uma das conclusões deste estudo, importante para a história literária, é a seguinte: “aquesta poesia epigráfica rep la influència, tant a nivell formal com conceptual, sobretot, dels poetes cristians precedents” (p. 423). Por seu lado, o trabalho de Álvaro Castresana López incide sobre uma única inscrição, não registada nem publicada, que aqui é editada de forma exemplar. O conteúdo da inscrição é um axioma que “hunde sus raíces en la antigüedad clásica” (p. 428).

Na secção oitava, está em foco o trabalho de investigação lexicográfica, já com grandes pergaminhos, pois basta recordar o projecto do *Glossarium Mediae Latinitatis Cataloniae* (GMLC), que remonta a meados do século passado e está inseparavelmente ligado a M. Bassols de Climent e a J. Bastardas. Nele tem trabalhado um grupo de colaboradores e discípulos notáveis. Entretanto, em tempos mais recentes, já depois da realização do *Primero Congreso Nacional de Latín Medieval*, criou-se o projecto do *Corpus Documentale Latinum* (CODOL), organizado em torno da documentação das unidades políticas e administrativas peninsulares da Idade Média: CODOLGA (Galiza), CODOLPOR (Portugal), CODOLVA (Valência), CODOLCAT (Catalunha). O objectivo primordial deste projecto é a criação de uma plataforma com a publicação digital de toda a documentação. Os trabalhos que se inserem nesta secção privilegiam a colaboração entre vários investigadores, sendo ela um dos seus melhores trunfos.

Assim, da autoria de M. Antonia Fornés Pallicer e Mercè Puig Rodríguez-Escalona é o artigo que demonstra em que medida o GMLC, sendo um instrumento indispensável para os linguistas, é também, em síntese, de extrema utilidade para juristas, historiadores, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, porque os seus documentos são um repositório da vida, dos costumes, dos movimentos dos povos, da mudança de mentalidade, etc., em épocas sucessivas.

Também em trabalho de equipa, Marta Punsola Munárriz, Pere J. Quetglas, Susana Allés Torrent nos dão conta do andamento da edição digital do GMLC, no intuito de a tornar acessível ao público em geral. Paralelamente, porém, duas investigadoras deste projecto têm a seu cargo alimentar os dados lexicais do CODOLCAT. Em idêntico artigo, Marcelo Moscone apresenta o estado de desenvolvimento dos trabalhos no âmbito do CODOLPOR. A concluir esta secção, Juan Francisco Mesa faz um estudo lexicográfico, em extensão e profundidade, das partículas latinas *enim*, *nam*, *igitur*, *ergo*, *autem*, *at*, *uero*, analisando-as do ponto de vista da sua funcionalidade no latim medieval, da evolução do seu emprego e dos seus valores semânticos em cotejo com os da latinidade clássica. Este estudo é um bom exemplo dos avanços que as novas tecnologias proporcionam a todo o tipo de trabalhos lexicográficos. Como sublinha Mesa Sanz, foram importantes os vários contributos dados neste sentido, desde a publicação em 1678 do *Dictionarium Mediae et Infimae Latinitatis*, até aos recentes projectos que temos em mão, com novas ferramentas e abordagens renovadas.

Sob a designação de “Estudios de Diacronía”, a nona secção contempla três artigos que se inserem nesse âmbito, não obstante a diversidade do ponto de partida de cada um deles. No caso do artigo de Antonia Hurtado Jiménez, as conclusões tiradas são de carácter lexicográfico, pois a base do estudo, aliás excelente, incide na verificação de que a linguagem do *corpus* documental jurídico referente à Catalunha tem subjacentes marcas inequívocas da língua quotidiana dos redactores, com interferências visíveis do latim, do catalão e do árabe. Disso são prova evidente os vocábulos latinizados a partir do árabe, provavelmente já em uso em catalão. Também nesta secção tem cabimento o estudo inovador de Francisco Gimeno Menéndez, que parte da sociolinguística histórica para propor uma revisão da perspectiva tradicional sobre a formação dos proto-romances e, daí, das línguas românicas. O terceiro artigo desta secção é um estudo paradigmático da evolução semântica, a que se segue uma evolução sintáctica, do verbo *similare*. Jordi Antolí Martínez traça com rigor geométrico e subtileza os meandros dessa evolução entre o latim tardio e as línguas românicas.

Na secção intitulada “Documentación diplomática y didáctica”, Robert Cuellas Campodarbe, *piae memoriae*, dá-nos conta de um rol minucioso de más leituras, erros e imprecisões constantes do manuscrito e das edições que se fizeram da carta de povoamento concedida aos defensores da cidade de Balaguer após a sua conquista. Estes dados foram coligidos tendo em vista a edição crítica do referido documento, que entretanto veio a lume (Edicions de la Universitat de Lleida, 2015). Nas palavras de Cuellas Campodarbe, este documento assinala “un veritable canvi de civilització” no condado de Urgell. Mas além do seu interesse para a história do nordeste peninsular do século XII, este estudo vale pelo seu rigor e mestria filológica.

O segundo texto desta secção, da autoria conjunta de Carlos Goñi Buil e Antonio Ramón Pont, consiste numa proposta didáctica, cujo objectivo principal é suscitar o interesse pelo latim no ensino pré-universitário. O caminho apontado é abrir o elenco dos textos clássicos dos programas vigentes a textos de interesse histórico local, susceptíveis de despertar a adesão dos alunos, graças à sua temática e à sua proximidade geográfica. Os autores fundamentam a sua proposta nas directrizes emanadas das instâncias educativas na era pós-Bolonha.

Pela sua especificidade, a conferência de Aires Nascimento ocupa a undécima secção. Trata-se de facto de um estudo com pontos de vista e documentação harmonizada por um grande mestre da filologia latina medieval, aliás um dos intervenientes na fundação do *Congreso Nacional de Latín Medieval*. Aires Nascimento traça um quadro interpretativo, amplo e bem fundamentado, de duas narrativas da legenda de São Vicente, articulando e subtendendo um arco informativo que vai da realidade histórica ao discurso hagiográfico e ao testemunho litúrgico documentado em descoberta sua. As narrativas da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa, vindas do reino, então muçulmano, de Valência, legitimaram ambições de poder político e religioso e imprimiram marcas históricas identitárias nos símbolos que definem o armorial da cidade e da própria Universi-

dade de Lisboa, recentemente substituídos por grafismos geométricos sem heráldica nem brasão. Mas a história não se apaga; o estudo de Aires Nascimento vem provar que a filologia latina medieval é inerente à identidade dos povos e das nações europeias.

As duas conferências que encerram esta obra inserem-se na homenagem *in memoriam* de Luis Charlo Brea, que participou com comunicação em todos os congressos de latim medieval que se realizaram em sua vida.

Maurílio Pérez González, que em 1993 foi o fundador do Congresso Nacional de Latim Medieval em León, apresenta um estudo sobre o latim dos diplomas do Mosteiro de Sahagún. Uma parte substancial do artigo é concebida para servir de introdução à história desse enorme, diversificado e valioso acervo documental, das suas várias procedências, tipologias e tipos de letra. Uma visão da relevância religiosa e política que teve esse mosteiro no reino de León, com o apoio real e pontifício de que beneficiou, explica o domínio que exerceu sobre grande parte de outros mosteiros da sua área de implantação e além dela. As necessidades da gestão das relações de propriedade e arrendamentos foram um factor determinante da produção de tal volume de registos documentais, muitos deles de carácter contratual e jurídico, de origens dispersas. Tal diversidade ou dispersão, porém, é contrabalançada pela uniformidade linguística da documentação dos mosteiros associados a Sahagún, graças aos factores da proximidade e acessibilidade geográfica que tinham entre si, à excepção de Santa Maria de Piasca situado no coração dos Picos da Europa, cerca de Liébana. Por isso mesmo, estes documentos apresentam modismos linguísticos próprios, merecendo um tratamento à parte. Neles prevalecem, por exemplo, as grafias *ae / oe* e outras particularidades já desaparecidas da documentação típica de Sahagún.

Em face da variedade de origens da matéria documental, o autor deste estudo definiu critérios e adoptou metodologias que garantem a fiabilidade do seu estudo. A aplicação dos princípios enunciados está patente na edição crítica apresentada no final do artigo, que é de facto um modelo a seguir. O que é dado a entender numa espécie de apotegma com que o eminente filólogo termina o seu artigo: “hay que editar más y publicar menos”.

A ciência filológica, para se construir, necessita de análise atenta, reflexão e agudeza de espírito. Há descobertas que decorrem da leitura de um texto ou de um documento cuja interpretação pomos em causa, porque o que lemos não se conjuga com aquilo que outros deduziram da sua leitura. E é precisamente esse espírito de perquirição do já investigado que leva a ciência de qualquer área ou ramo a nunca baixar os braços, aplicando esforço persistente na procura de uma via nova para solucionar um problema antigo. Ao ler a sua conferência em La Nucía, José María Maestre Maestre lançou uma proposta inesperada, para não dizer provocadora e chocante: que os *Quinque articuli contra Iudaeos*, atribuídos a Rodrigo Fernández de Santaella, não são da sua autoria. No artigo agora publicado no fecho deste volume de estudos filológicos, fica provado, sem sombra de dúvida, que o manuscrito da Biblioteca Capitular de Sevilha que contém a mencionada obra não passa de uma cópia de um manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana. De tal descoberta deduz-se que, remontando o manuscrito fonte da cópia de Sevilha ao ano de 1440, cai pela base o argumento de que o texto dos *Quinque articuli contra Iudaeos* foram escritos em torno de 1492 e, portanto, de que andaria associado ao contexto da expulsão dos Judeus de Espanha. Negada, porém, a autoria de Santaella, fica ainda por resolver a quem deve ela ser atribuída. Com o estudo filológico que fez do latim da referida obra, José María Maestre apresenta elementos que mostram que se trata de um nível de linguagem muito próximo das línguas vernáculas e com um fraseado, um vocabulário e uma sintaxe característicos do latim medieval, de modo algum compatível com a formação de um latinista culto como era Rodrigo de Santaella. Como desafio final fica lançada a sugestão de que esse texto, muito provavelmente, foi escrito por um autor hispânico e que há elementos que o podem provar.

Em resumo: este volume de estudos é representativo do trabalho de investigação que se tem desenvolvido no domínio da Latinidade Hispânica Medieval. Nele intervieram investigadores de vinte e uma universidades de seis países e três instituições extra-univer-

sitárias ou supra-universitárias: Academia das Ciências de Lisboa, CSIC (Consejo Superior de Investigaciones Científicas) e Archivo Histórico Provincial de Burgos. A investigação realizada integra-se na maior parte dos casos em centros de investigação financiados pelo Estado, obrigados a planeamento e sujeitos a avaliação externa, o que de certo modo dá garantias de coesão e qualidade. Uma palavra mais para dizer que merecem um elogio especial Juan Francisco Mesa Sanz, editor deste volume, e a SISMEL – Edizioni del Galluzzo, pela excelência da sua qualidade gráfica e por mais este contributo para a difusão do saber e da cultura.

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
 Centro de Estudos Clássicos
 da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
 Projecto *Res Sinicae*: PTDC/LLT-OUT/31941/2017
 arnaldosanto@campus.ul.pt

ADAM J. GOLDWYN, INGELA NILSSON (edd.), *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019. XIX + 347 pp. ISBN 978-1-107-18779-5

O volume *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook* é composto por quinze capítulos, cada um dos quais centrado na discussão e no desenvolvimento de novas abordagens (comparativas, transdisciplinares e teóricas) sobre os romances paleólogos. Esse foi também o objectivo principal subjacente à conferência “Romance Between East and West: New Approaches to Medieval Greek Fiction”, decorrida em Atenas, em Novembro de 2014, e que serviu de base à presente publicação.

Os editores, Adam J. Goldwyn (North Dakota State University) e Ingela Nilsson (Uppsala University, Sweden), assinam o primeiro capítulo, intitulado “An Introduction to the Palaiologan Romance: Narrating the Vernacular” (pp. 1-18). Esta introdução abre com um pequeno excerto do romance bizantino *Império e Margarona*, de meados do século XV, uma adaptação do romance francês *Pierre de Provence et la belle Maguelonne*. A breve comparação entre as duas obras é ilustrativa das problemáticas que geralmente são equacionadas a propósito do romance bizantino tardio, como a relação entre “originais” e “traduções” ou “adaptações”, a relação entre tradições bizantinas e ocidentais, a transferência linguística e cultural, bem como questões de narrativa, retórica e estética (p. 2). No âmbito do romance bizantino, é possível distinguir dois grandes grupos: o romance comneno do século XII e o romance paleólogo dos séculos XIII a XV. Ainda que pertencentes a uma mesma tradição literária, as obras desses dois grupos são produtos das suas épocas, pelo que apresentam diferenças significativas quanto ao tema, às estruturas narrativas, às circunstâncias de recepção e quanto ao vínculo que estabelecem com o romance helenístico e a tradição antiga. De acordo com os editores, enquanto os romances comnenos têm sido alvo de um interesse crescente ao longo das últimas décadas, devido em parte à maior proximidade com os modelos helenísticos, os romances paleólogos, por outro lado, não têm recebido um estudo igualmente atento. Nesse sentido, este volume “is accordingly an attempt to offer an overview not only of the texts themselves and their research history, but also to point out new directions and trends in the study of the late Byzantine romances, both in relation to the Greek tradition and in relation to the western romances” (pp. 3-4).

No capítulo 2, “The Categories of ‘Originals’ and ‘Adaptations’ in Late Byzantine Romance: A Reassessment” (pp. 19-39), Kostas Yiavis considera inadequada a divisão escolar tradicional entre “originais” e “traduções” no âmbito da literatura bizantina em vernáculo, e defende que os romances gregos cuja história depende mais directamente de fontes ocidentais não gregas não são, na verdade, traduções exactas dessas fontes, pelo que devem ser designados como “adaptações”. Os romancistas medievais, menos inovadores